

— NOVELAS EXTRAORDINÁRIAS —

VOL. 1

José

JD Lucas

möb!le

2013

Copyright © 2013 JD Lucas

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Editor
Eduardo Coelho

Ilustração de capa
Voider Sun (<http://voider.tumblr.com>)

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L966j

Lucas, JD

José / JD Lucas. - Rio de Janeiro : Móbile, 2013.
64 p. : 17 cm (Novelas extraordinárias ; v.1)
ISBN 9-78-85-64502-24-6

1. Romance brasileiro. I. Título. II. Série.

13-1407.

CDD: 869.93
CDU: 821.134.3(81)-3

Contatos com o autor: jdlucas.contato@gmail.com

Todos os direitos desta edição reservados à
Móbile Editorial
R. Senador Dantas, 80/1305
Rio de Janeiro – RJ – 20031-922
Tel.: (21) 2210-1787
www.mobileditorial.com.br

Para meu tio Eduardo

Apresentação

A série NOVELAS EXTRAORDINÁRIAS, propõe-se a contar histórias. *José* é a primeira delas. Ao escrevê-las, procurei encontrar o que havia de valor universal, narrativas que pudessem falar a todos, dramas sobre nosso lugar no mundo, a necessidade de sermos reconhecidos pelo que somos e, sobretudo, a necessidade de sabermos quem somos.

Contar uma história é como roubar o fogo dos deuses e entregá-lo aos mortais. Mesmo um pequeno pedaço de chama como esse pode ser capaz de arder sob a vida e aquecê-la, prepará-la, transformá-la.

A mim não resta dizer mais sem que com isso estrague as surpresas que virão pela frente. Quero apenas desejar boa leitura!

Um abraço

JD Lucas

Ao Passado. José é indestrutível.

I

Papai tinha conseguido um emprego no periódico de maior circulação do estado, e me punha no banco do carona todas as madrugadas em direção ao depósito de jornais, de onde sairíamos para as entregas. Tínhamos uma rota pra percorrer das duas às cinco da manhã, ele dirigia com uns olhos arregalados, sempre sorrindo, uma música contente no rádio que não combinava com o frio da madrugada; eu olhava o céu escuro refletido nos vitrais dos apartamentos, o queixo sobre o antebraço apoiado na janela, quando ele disse, cheio de esperança e certeza:

— Você vai ser engenheiro, vai construir tudo isso de novo. Bem bonito!

E pôs uma determinação tão bem-intencionada e específica que fixou em mim um desejo que foi se alastrando sobre meus dezesseis anos — e dali por diante — até que não houvesse outra escolha. A certeza veio quando preenchi a ficha do vestibular. Quase como quem marca um item numa lista de aquisições, ou escreve distraidamente o próprio nome numa folha de papel, assinalei:

ENGENHARIA CIVIL

e fui aprender a construir edifícios maiores que eu, para onde garotos pudessem olhar através das janelas abertas de carros.

Após o trabalho, era tempo de voltar pra casa e cochilar um pouco, tomar café com a manhã despontando, ir à escola, encontrar garotos da minha idade e aprender a ser futuro.

Era uma turma bem diversificada, mas com o interesse em comum pela literatura. Os garotos formavam uma espécie de clube que acabou mesmo por se chamar Clube Literário, batizado assim pelo professor de Português, grande entusiasta da iniciativa. Naturalmente me juntei a eles; já rabiscava meus cadernos há algum tempo, havia coisas ali que podiam ser chamadas de poesia.

Foi na primeira reunião do Clube que conheci o rapaz que se chamava José.

Pertencíamos à mesma turma, mas não tínhamos intimidade. Costumavam tratá-lo com camaradagem, mesmo admiração. Era um sujeito desenvolvido, chegava às vezes atrasado, mas passava muito bem cumprimentando todo mundo e os professores. Durante o recreio costumava estar cercado de garotas e rapazes, e as coisas ao seu redor vibravam em frequências pouco habituais.

Na reunião de abertura entrou sorrindo e cumprimentando os garotos, a risada inicial que nunca esqueci, de imenso prazer, até que mirou em mim o indicador como se fosse um revólver. Minha primeira reação foi levantar os braços como quem está rendido. Sorrimos da cena, estendemos as mãos para um aperto e nos fizemos amigos.

Nossa sede ficava nos fundos de onde morava Juventino, o caseiro da escola. Um quintal amplo, aberto para o céu onde às vezes tardes lisas e azuis pareciam eternas. Onde baixava o outono cinza e rarefeito que nos levava aos pinos da angústia.

José nos brindava com anedotas que traziam graça de maneira muito diversa à dos outros caras charmosos que existiam. Conseguia sugerir obscenidades sem ser chulo. Como quando contou de um bilhete enviado por Napoleão à Josefina, retornando de uma batalha:

“Não se lave, meu amor. Estarei de volta em três dias.”

Era festa.

José não conhecia a timidez, e até mesmo os tropeços ocasionais na leitura passavam despercebidos pela verve notória de orador. Podia ter sido um estadista. Era bonito como só ele podia ser, porque andava bem, se movia bem, parecia um todo, e não partes independentes aglutinadas num mesmo corpo, cada uma com identidade própria, como os outros garotos naquela idade, por exemplo. Como eu.

Sempre fui um reservado. Desde a infância, minhas primeiras lembranças, me dei melhor com o silêncio. Não que não gostasse de pessoas, mas sempre me pareceu dispensável dizer algo quando se pode calar e observar. Agora que as coisas gritam tanto, agora que o tempo não é mais amigo do silêncio e as pessoas vivem alardeando suas conquistas, derrotas e frustrações, agora resolvo pôr pra fora uma história que ficou guardada durante tantos anos. Talvez porque

já tenha vivido demais, um medo de que algo que precisa ser contado morra comigo. Certamente é isso. Que outra coisa pode motivar um homem senão a perspectiva da morte? É tudo o que temos. O que nos dá sentido.

Isso, e mulheres.

José viveu as duas instâncias com muita precocidade. Uma em decorrência da outra, se puder falar em causa e efeito; se não são as coisas como têm de ser, como um retângulo fixado na superfície do papel que já é um edifício.

II

Com as garotas, José podia ser um príncipe ou o pior dos canalhas. Com efeito, começava sendo um e terminava outro. Não hesitava em partir corações logo após ter declarado amor incondicional, e quem o conheceu, sabe mesmo que ele amou todas elas, mas era inquieto demais pra permanecer satisfeito com alguém. Destruía relacionamentos com presteza inigualável, deixando para trás um secto de garotas apaixonadas.

Gabava-se ele nunca ter sofrido de amor:

— São elas que choram por mim.

Exibia em certa distração fingida as medalhas dos encontros com as inumeráveis amantes. Arranho de unha, cartinha melosa, marca de batom... Todas queriam algo de José, ao que ele cedia sempre em dose homeopática.

De vez em quando precisávamos nos reunir para os trabalhos em grupo e normalmente isso ocorria na casa dele, que era bem grande, com um cão e três andares em estilo colonial. A casa me fascinava tanto que chegava a sonhá-la. Percorria seus cômodos, contemplava seus quadros, tateava ornamentos da decoração... Então ouvia vozes, murmúrios cada vez mais presentes, e me assustava, sentindo-me um intruso, culpado por estar ali. Corria para fora, e quando saía, à beira de um colapso nervoso, acordava assustado. Durante muito tempo tentei lutar contra isso, chegava a saber que es-

tava sonhando, mas pouca coisa mudava. A visita silenciosa no meio da noite, corredores atapetados, a parede com o quadro de mulher nua no fim do corredor, a cama de casal desarrumada (um lençol de seda brilhante), estatuetas... De repente vozes, murmúrios urgentes — a sensação de que algo está errado, apressando o passo, nem tão rápido que possa ser ouvido, nem tão lento que possa me denunciar e ser apanhado, um momento de suspensão ao girar a maçaneta e a luz do lado de fora que é noite e ao mesmo tempo dia, porque me traz de volta sobressaltado e já é hora de ir à escola.

Mas da casa mesmo conheci pouco. O quarto de José e o corredor são idênticos, exceto que no lugar da mulher nua no quadro de sonho havia um retrato de pescador que desfocava se se aproximasse muito. Um borrão marrom e azul, sobre fundo branco, algo anacrônico, que devia valer muito.

Só vi o pai de José duas vezes. Numa delas estava sorrindo, a distância. Na segunda, chorava, mas conservava a mesma separação do resto do mundo. O filho tinha lhe puxado o biotipo esbelto, a elegância. Fez um gesto com o controle remoto quando abria o portão automático que era exatamente o gesto que José usava pra cumprimentar quem estivesse de longe. Achei graça da semelhança arbitrária e me perguntei o que em mim seria parecido com os trejeitos de meu pai. Vieram à cabeça os olhos espertos e o sorriso disposto que nunca tive. Meu legado mais patente, a falta de esperança que herdei de minha mãe, uma mulher simples, quieta, mínima-

lista, de voz doce e coração apertado, encurvada, olhando os próprios pés, aparência triste.

A mãe de José vi várias vezes, em ângulos variados. Procurava fazê-lo. Era jovem, carne e seios firmes, cabelos acobreados espiralando mechas em volta do rosto, descendo pelas costas lisas... Uma vez José me flagrou olhando coxas que escapavam do vestido enquanto ela regava o jardim: quase me arrancou a orelha de volta pro quarto. Ela riu, como se soubesse desde sempre do que se passava, e seu riso pareceu criar fissuras no ar, algo agressivo, pouco usual. Me fiz de desentendido, mas ele sabia que desejava sua mãe.

Era ela a mulher nua no quadro em noites de sonho.

José tinha nascido em berço rico, ou pelo menos estava mais bem posicionado que eu, o entregador de jornais morando com a família numa casa sem cachorro e sem quintal. Tudo o que dizia sobre o pai era que nunca tinha tempo pra nada, viajava muito e trabalhava com não sei quê de relações políticas internacionais. Insinuava que o homem talvez tivesse outra família, em outro lugar, o que me chocava bastante, muito por ver como lidava com isso sem afetações, perfeitamente acostumado à ideia.

No colégio, todas as atividades físicas ocorriam numa quadra e eram obrigatórias, salvo em caso de impedimento médico. Uma falta de ar era minha companheira inseparável, algo de fobia ou falência dos pulmões, uma disfunção que me fazia esquecer de respirar, assim, como quem esquece que

tem dedos. Mas participava das aulas sem maiores problemas. Ver as meninas, correr e suar me fazia bem.

Era comum durante essas aulas que as pretendentes e ex-namoradas do garoto exercitassem alguma confusão ou disputa. Ficavam todas se insinuando, molhando os lábios, mostrando a nuca, uma comoção exagerada. Um tumulto entre duas delas gerou combate físico. Depois de separada a briga, exigiram que José decidisse com quem ficaria: já tinha experimentado as duas, devia resolver quem era a melhor. Acuado, o rosto em confusão, olhando em volta aquela gente toda, de repente irritado, sério, muito firme:

— Sou de todas e não pertença a ninguém.